



Oficina 4: CONVERSANDO SOBRE VIOLÊNCIAS

Objetivos

1. Possibilitar uma reflexão sobre a problemática da violência social.
2. Incentivar a busca coletiva de alternativas à violência.

Desenvolvimento da oficina

Primeiro momento: integração

1. *Espelho, espelho meu.* Inicialmente o facilitador faz, com o dedo indicador, movimentos no ar e todos os participantes imitam seus gestos, ao som de música orquestrada. Depois, em duplas, uma pessoa faz o gesto e a outra imita. Posteriormente, em duplas, fazer os gestos com os dedos indicadores juntos ou com a testa colada ou unidos só com o nariz.

Segundo momento: sensibilização

2. Apresentação dos objetivos da oficina.
3. *Dinâmica do desenho.* Solicitar aos participantes que desenhem uma situação de violência em meio escolar que mais lhe preocupa, enquanto se coloca uma música de fundo. Possibilitar uma socialização em pequenos grupos e, depois, uma plenária comum.
4. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Terceiro momento: aprofundamento da temática

5. Introdução à temática.

A temática da violência passou a fazer parte da pauta obrigatória das discussões atuais dos cidadãos, desde a roda de amigos até as instituições que compõem a sociedade, assumindo a proporção de um imenso debate popular. No entanto, não seria exagero falar em certo despotismo dos meios de comunicação que nos impõe, sem que se possa debater muito, certa percepção da violência, tal como nos alerta o pesquisador francês Jean-Marie Muller: “Os meios de comunicação de massa não nos informam sobre as razões e riscos da violência, mas sobre a própria violência; não suscitam uma opinião pública, mas uma emoção pública”. Neste contexto, o que é mesmo violência? Quais os caminhos para sua prevenção, erradicação e alternativa?

6. Estudo em grupo do texto: “Violências: da condenação às alternativas” (Recurso de Apoio 1).

7. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.

8. Pontualizações do facilitador. É importante salientar os seguintes aspectos:

- *os diversos processos que dificultam uma análise profunda da violência: a banalização, o viés emocional, a naturalização, a mistura de conceitos, o tudo é violência, a criminalização, a redução a uma dimensão apenas, etc.;*

- *o conceito de violência de Johan Galtung e sua tríplice manifestação: violência direta, estrutural e cultural;*

- *os três enfoques comumente empregado na superação da violência e sua necessária integração, na busca de uma proposição e alternativa.*

Quarto momento: síntese

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

9. Trabalho em pequenos grupos, com papelógrafo:

- O que é violência?
- Quais os principais caminhos de superação da violência?

10. Plenário.

11. Pontualizações do facilitador.

**Quinto momento: reconstrução da prática**

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

12. Momento de encontro em pequenos grupos para, a partir do referencial estudado, retomar as situações de violência desenhadas no início da oficina e propor ações de prevenção à violência.

13. Plenário.

14. Pontualizações do facilitador.

Sexto momento: avaliação

15. Por escrito: cada um escreve no seu diário, as idéias e sugestões trazidas por esta oficina e as perguntas a serem ainda perseguidas.

16. Socialização.

Sétimo momento: confraternização

17. Música: “É preciso saber viver”, de Roberto Carlos.

Material necessário

1. Música de fundo.
2. Folhas de desenho e giz-de-cera para todos.
3. Folhas grandes de cartolina ou papel pardo.
4. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
5. Papelógrafo.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. *Sobre violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

COLOMBIER, Claire et alii. *A violência na escola*. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. *Violência nas escolas: dez abordagens européias*. Brasília: UNESCO, 2002.

OLIVEIRA, Waléria F. de; GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *O conceito de violência em Hannah Arendt e sua repercussão na educação*. In: HELFER, Inácio (org.). *Pensadores alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 89-110.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

ZALUAR, Alba. *Da revolta ao crime S.A.* São Paulo, Moderna: 1996.

Recurso de Apoio 1: Texto *Violências: da condenação à alternativa***Oficina 4****Violências: da condenação à alternativa**

Talvez mesmo mais que a noção de paz, a noção de violência é hoje por demais utilizada, exigindo uma reflexão mais profunda. Daí que um primeiro passo para compreendê-la para além dos clichês e lugares comuns, é certa limpeza e desbastagem de campo.

É sempre importante lembrar que estamos diante de temas complexos, que não se esgotam numa primeira análise e abrangem um vasto complexo de causas e variáveis: psicológicas, sociais, econômicas, culturais, etc. A tentação, sempre a vencer, é a do simplismo ou do reducionismo, como, por exemplo, simplesmente associar violência com segurança. O *tudo é violência* pode conduzir a uma consideração de que nada é violência ou que apenas o crime seja violência, provocando uma unilateralização do conceito e o desconhecimento de outras formas de violência, tais como a psicológica ou simbólica. Também é importante superar a emoção: a discussão sobre violência e paz emerge, geralmente, após a experiência de



algum fato de maior gravidade, como um crime hediondo ou uma tragédia comunitária. Criticar este viés emocional e desprender a discussão deste contexto é um dos primeiros passos a serem tomados, rumo a uma solução séria e racional para a questão. Um outro cuidado a ser tomado, nesta busca de clarear e delimitar o campo em discussão, é o de não mistificar a violência como um ente. Muitas vezes, os discursos sobre violência começam subjetivando-a, como se fosse uma entidade autônoma ou um princípio de ação, através de formulações tipo “a violência cresce”, “a violência se alastra”, etc. A violência é um fato humano e um atributo da sociedade. Não existe em forma substantiva, mas sempre adjetiva, como característica e expressão das relações humanas e sociais. Muitos discursos sobre a violência insistem tratá-la como uma doença ou como uma epidemia ou, então, associá-la como força presente na natureza. Nada é mais perigoso do que querer interpretar fatos sociais em termos biológicos. Paz e violência não são fenômenos naturais, mas pertencem à esfera das relações humanas e sociais, e como tais devem ser tratados. Aqui, a precisão conceitual pode ajudar-nos, no sentido de distinguir força, propriedade da natureza, de violência, atributo social. Como fato da sociedade, a violência está em relação à forma como que se dão os arranjos sociais.

Limpo o campo, devemos nos perguntar como realmente entender a noção de violência. Entre as tantas definições e conceituações que as ciências humanas nos oferecem, podemos aprofundar o conceito do estudioso da paz, o norueguês Johan Galtung. Para este autor, a violência está presente quando os seres humanos se vêem influenciados de tal forma que as suas realizações afetivas, somáticas e mentais, encontram-se aquém de suas realizações potenciais. Esta definição tem a capacidade de englobar vários tipos de violência, deliberada ou não deliberada, manifesta ou latente, pessoal ou estrutural, física ou psicológica, com ou sem objetos.

Para Galtung, há basicamente três manifestações ou níveis de violência: direta, estrutural e cultural. Utilizando-se da metáfora do terremoto, Galtung compara a violência direta como o próprio abalo sísmico, visível e claramente identificável nas suas conseqüências e devastação. A violência estrutural é comparada com o deslocamento das placas geológicas que causam diretamente um abalo sísmico. E a própria falha geológica, constitutiva da estrutura da terra, que está na raiz dos movimentos das placas, corresponderia à violência cultural, isto é, aos modelos que estão na raiz das estruturas, atitudes e interações da sociedade.

Diante destes níveis de violência, podemos identificar três enfoques básicos frente ao fato social da violência. Um primeiro enfoque poderia ser identificado como o enfoque da segurança, vislumbrando a solução para o problema da violência em táticas de força. É um enfoque que se identifica com o primeiro nível de Galtung, o da violência direta. O positivo deste enfoque é que é objetivo, propondo as necessárias reformas para uma aplicação mais eficiente da lei e contribuindo para a redução da corrupção e impunidade. Trabalhando o nível da violência direta, fornece resultados mais rápidos e contribui para um sentimento de segurança e justiça. A crítica a este enfoque é que exatamente trata a violência apenas após ter ocorrida, sem uma perspectiva de prevenção ou de um campo mais amplo de análise.

Uma segunda abordagem, que poderíamos chamar de enfoque socioeconômico, considera a violência causada pela estrutura social e pelo modelo econômico que caracterizam a sociedade. Trabalha a violência no segundo nível de Galtung, o estrutural. O aspecto a ressaltar deste enfoque é a importância atribuída à necessidade das mudanças políticas e sócio-econômicas, como horizonte de uma sociedade mais justa e, portanto, menos violenta. A crítica a ser feita baseia-se na associação, que pode provocar, entre violência e pobreza, quando na verdade os estudos apontam a relação existente entre violência e desigualdade. Também é um enfoque que, lidando com mudanças complexas e a longo prazo, pode ocasionar desânimo e imobilidade: afinal, quando teríamos esta sociedade justa na qual as violências estruturais seriam sanadas?

Finalmente, um terceiro enfoque, ligado ao terceiro nível de Galtung e à transformação da violência cultural, visa mudar o comportamento da população e das instituições, inspirando-se na paz como o valor humano definitivo. O que está em jogo não são apenas arranjos sociais, mas paradigmas que determinam as relações sociais. Daí a importância de detectarmos, coletivamente, os processos culturais de produção da violência. Não apenas vivemos numa sociedade violenta, mas, sobretudo, numa cultura violenta, produzida e, ao mesmo tempo, difundida, por inúmeras instâncias da sociedade: os meios de comunicação, a escola, a família, as instituições religiosas, os partidos políticos, os clubes, os sindicatos, etc. Há um currículo oculto, baseado no paradigma bélico, que nos educa para a violência e que, quaisquer políticas



públicas que se pretendam eficazes, não podem desconhecer e precisam atuar. O positivo deste enfoque é que enfatiza a prevenção, e a promoção ativa de valores universais, tais como a paz, a justiça, a diversidade, o respeito, a empatia e a solidariedade. Oferece a oportunidade de permitir às pessoas que se dêem conta da possibilidade de contribuir para a construção da paz, a partir de suas capacidades, habilidades e recursos. Por outro lado, pode permanecer por demais teórico e superficial.

A sociedade começa a vencer a indiferença e mostra tentativas de reação à violência. No entanto, a reação sempre é limitada, porque resposta a algo. É preciso começar a construir proposições e alternativas. Não basta reagir à violência ou à cultura de violência, mas é preciso pensar como construir uma sociedade verdadeiramente pacifista e uma cultura de paz. A proatividade – uma atividade que se projeta para frente – incluiria, é claro, uma dimensão sanativa, de cuidar e atender as vítimas da violência, mas também de uma dimensão preventiva, privilegiando, especialmente, o caminho educativo. A violência não pede apenas uma condenação, mas alternativas!

As medidas para o fim da violência e implementação da paz terão alcance muito reduzido se permanecerem no campo restrito da resposta à violência e à guerra. Faz-se necessário, para se conseguir uma solução eficaz, criar pólos positivos de não-violência e paz. Há mais de 60 anos, já nos lembrava Gandhi: “A humanidade somente acabará com a violência através da não-violência”. Somente a não-violência é a alternativa e a superação da violência, uma vez que ela se situa do âmbito totalmente exterior à violência.